



Wilson Portela

O DIVINO

A Resposta

Editor

Thiago Regina

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Ana Márcia Diógenes

Copidesque

Eli Alcantra

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: contato@editoraviseu.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Portela, Wilson

O divino: a resposta / Wilson Portela. – Maringá: Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-522-2

1. Romance 2. Literatura brasileira

I. Portela, Wilson II. Título.

82-1

B869.91

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Romance: Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

INTRODUÇÃO

Aos 56 anos você não fez ideia ainda do que deseja em sua vida. Acredita apenas no querer material, contínuo e permanente. O que o moveu, o levantou, e o fez ir ao trabalho. Lutou contra trânsito, grito, stress, e diversos problemas e desafios a que estamos sujeitos.

A questão é: o que tudo isto causou? Sanar a ausência de ações não pensadas ou analisadas pela velocidade do dia a dia não é tarefa fácil, para trabalhar o Eu.

1

O COMEÇO

Deveria ir até onde se desejou fluir! Comparou, pensou, entendeu, viu a situação de quanto é simples a harmonia universal e a paz interior. Condições que perpetuariam a vida e daria forças para cada dia ir atrás de novas conquistas.

Mas Carlos Sá, aos 56 anos, grisalho, feição cansada, viúvo, viveu indo e voltando de bares, boates, festa, drogas, bebidas, e não se encontrava. CEO da “*Polivan Holding S/A*”, bem-sucedido e perdido no que há de mais importante na vida humana, a paz.

Eram 7h40, Carlos acordou, com espanto e surpresa. Era um cara pontual, assíduo e com a vida focada no trabalho e na ascensão financeira. Tomou banho, vestiu sua roupa e saiu correndo para trabalhar. Chegando ao trabalho, sentou-se na cadeira, relaxou, ligou seu laptop e começou a ver seus e-mails de trabalho.

Era seu costume fazer a leitura todos os dias, em ordem de horário e dia de recebimento. Após a leitura dos e-mails de trabalho, ele ia para os e-mails pessoais.

Não era fácil ser um CEO da “*Polivan*”. Controlava diversas empresas: na área têxtil, tecnológica, construção civil e pequenas empresas; de vendas.

Por volta das 13h, ele ainda não havia acabado de ler todos os seus e-mails de trabalho, morto de fome e exaurido, interfonou para a secretária e pediu uma comida rápida, um *fast food*. Depois de fazer sua refeição, continuou a trabalhar. De forma inesperada, viu um e-mail com o título “Arcanjo Miguel”.

Olhou, e antes de qualquer “*click*”, o coração disparou lembrando-se da época dos seus 23 anos. Alto, 1,80m, forte, costas largas, cabelo castanho-claro, olhos claros, rosto quadrado, uma voz rouca e com uma suavidade de poucos.

Lembrou-se ainda que teria deixado muita coisa para trás, deixou de lado o que viveu, os prazeres, acasos e divindades, que esqueceu. Junto com sua grande paixão Ana Beatriz.

Vem à sua mente histórias dessa época. A primeira ação marcante foi quando comprou seu primeiro cão. Ele, ainda jovem, decidiu ter um pastor alemão, pequeno, dois meses, duas cores, orelhas lindas, todo fofo, carinhoso e ainda com carência de sua família, por ter saído muito cedo do canil.

Ele deu o nome de Thor para o cão. Acreditou que seria rapidamente tomado pelo encanto de um animal dócil, companheiro, amável e fiel. Ao ficar frente a frente com Thor, olhou para seus olhos verdes e viu que não existiam laços. E tais laços apenas existiriam após sua conquista, estabelecendo uma relação entre ele e o animal. De convívio e sinergia.

Carlos, acostumado com respostas imediatas, estranhou. Exigira muito do cão, mais do que ele poderia dar. Gostaria de um laço de conquista afetiva, de carinho, cuidado mútuo, desejo e cumplicidade.

Passou um mês com estas práticas e começou a perceber que o cão respondia gradativamente com carinho, em alguns momentos. A companhia de Thor era fundamental, em cada dia transcorrido. Ele estava sempre a seu lado, pegava seu chinelo, muitas vezes queria dormir junto da cama, e outras demonstrações de carinho foram ao longo do tempo sendo concebidas.

Em um dia de sol, resolveu ir à praia com Thor passear e logo percebeu que inúmeras pessoas tiravam fotos dos dois e faziam comentários no transcorrer do passeio. Thor era a estrela!

De forma inesperada, o cão começou a latir, arrastando Carlos de um lado para o outro. Carlos olhava o calçadão e não via nada acontecer, a angústia começou a consumi-lo. Quando menos ele esperava, o cão lhe arrastou em uma única direção e sem entender o que estava acontecendo, o acompanhou. Thor havia sentido que o “flanelinha”, do outro lado da avenida, tentava roubar uma garota ao entrar no carro. Com o latido forte, ele conseguiu alarmar a todos e evitar o roubo.

Carlos, ao chegar em casa, refletiu sobre tudo o que aconteceu, e perguntou para si: “Que habilidade era essa? Ele percebeu uma presença hostil!”

— E nós, do que somos capazes?

Deitou na cama, e começou a refletir: “Até onde os seres humanos podem ir? Até onde usamos nossas habilidades?” Um turbilhão de perguntas veio à sua mente, mas cansado pelo sol, praia e o ocorrido, adormeceu. Era domingo, e segunda-feira sairia para trabalhar.

Dormiu todo coberto de areia, e com Thor ao seu lado, em cima do tapete. Segunda-feira, 7h30. Acordou assustado e viu tudo sujo de areia da praia, de imediato correu para tomar banho, trocou de roupa e foi tomar café.

Com pressa, avisou Serena, sua empregada, uma senhora de meia idade, morena e muito gentil, que ela teria de levar Thor para tomar banho no pet shop. Explicou a ela onde era:

— Perto de casa, um casarão verde, dois andares, bastante organizado e higiênico, a 2 km de distância.

Correndo, desceu o elevador, entrou no carro e dirigiu até seu trabalho. Às 8h15 chegou, espantado e tenso, pois ele era um cara pontual, assíduo e com a vida voltada para o trabalho e a ascensão financeira.